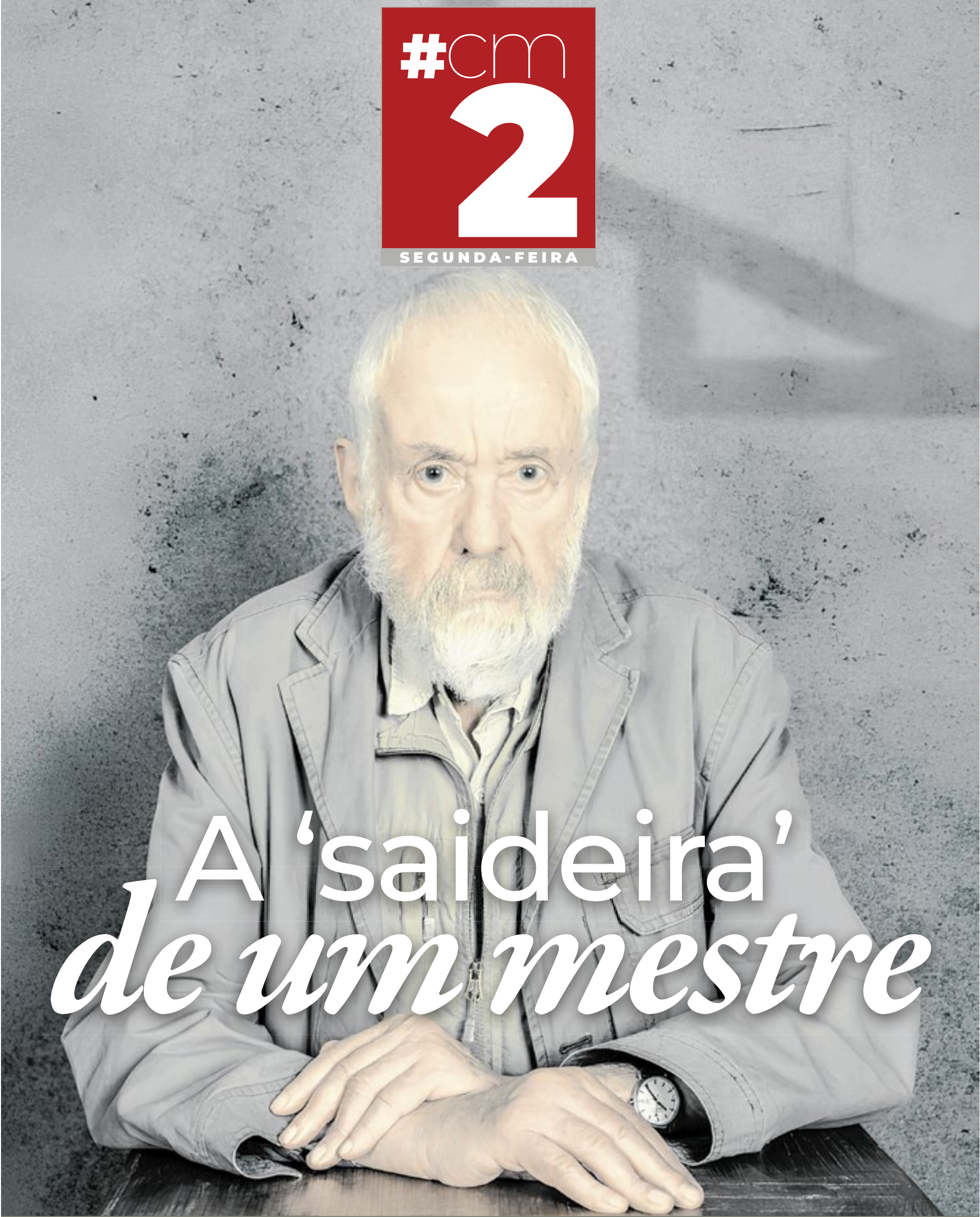


A black and white portrait of an elderly man with a full white beard and hair, wearing a light-colored jacket over a collared shirt. He is sitting at a wooden table with his hands clasped in front of him. The background is a textured, grey wall.

A 'saideira' de um mestre

Aos 83 anos e **sofrendo de problemas de saúde**, o cineasta **Mike Leigh** está se **despedindo do cinema, mas em grande estilo**. O realizador de cults como 'Verdades e Mentiras' e 'Another Year' teve seu '**Tender Loving Care**' **consagrado no Festival de San Sebastián com três estatuetas**: melhor filme, melhor roteiro e melhor interpretação. **O brasileiro 'Vicentina Pede Desculpas' recebeu menção especial do Prêmio SIGNIS**, evento paralelo à competição oficial. Páginas 2 e 3



Aos 83 anos, saindo de cena sob o peso de problemas de saúde, Mike Leigh vence San Sebastián com 'Tender Loving Care', em meio ao êxito do diretor mineiro Gabriel Martins

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Premiado em múltiplas frentes até ser anunciado como o ganhador da Concha de Ouro de 2026, o drama "Tender Loving Care", do britânico Mike Leigh, sagrou-se no sábado como o filme vitorioso do 74º Festival de San Sebastián, no norte da Espanha, num momento de êxito em escopo global do diretor mineiro Gabriel Martins, o Gabito. Mesmo sem ter recebido estatuetas do evento basco, sua arte desbravou fronteiras da Europa com "Vicentina Pede Desculpas", representante brasileiro entre os 17 títulos da competição oficial do evento. Mas o belo longa de Martins recebeu a Menção Especial do Prêmio SIGNIS, uma premiação paralela à competição oficial que celebra produções de caráter humanitário.

Fala-se de figuras em fase outonal como Vicentina no belíssimo "Tender Loving Care". O realizador americano Ira Sachs foi o presidente do júri que o referendou com o mimo máximo de San Sebastián (também chamada de Donostia, na língua local). Seu colegiado incluiu a estrela brasileira Alice Braga; o cineasta, escritor e produtor japonês Genki Kawamura; a roteirista francesa Catherine Paillé; a atriz basca Patricia López Arnaiz; o ator sueco Bill Skarsgård; e o produtor britânico Mike Goodridge. Essa turma concedeu a láurea de Melhor Realização para a escandinava Amanda Kernell por "Brace Your Heart", no qual uma mulhet se vê tomada por sentimentos proibidos em uma região rural.



No filme que pode ser a saideira de uma grande carreira, Mike Leigh volta a esgrimir com as práticas quotidianas da empatia, deslocando seu olhar para a realidade laboral do serviço social

Concha da despedida



As dores de uma Palestina sob ameaça estão no doc. 'Naza'

Divulgação

O placar das juradas e jurados de Sachs foi aberto com o prêmio de Melhor Roteiro para Mike Leigh, dada a fúria afetiva de "Tender Loving Care", que pode ser a longa final do cineasta de 83 anos, em função de problemas de saúde - que começam a limitar seus movimentos.

É uma despedida em grande estilo justamente porque se recusa a comportar-se como despedida. Na (aparente) trilha de simplicidade já vista em seu "Another Year" (2010), Leigh volta a esgrimir com as práticas quotidianas da empatia, mas desloca o seu olhar para uma realidade laboral particularmente ingrata. Amy (Kate O'Flynn) trabalha na proteção de menores; a amiga Rosie (Alice Bailey Johnson) também pertence aos serviços sociais. As duas atravessam diariamente vidas quebradas, ressentimentos, precariedade e situações em que cuidar deixou de

Documentando o tempo das Gerais

Mesmo sem receber prêmios oficiais em San Sebastián, “Vicentina Pede Desculpas” chega com badalação ao Festival do Rio, que começa nesta quinta-feira (1). O longa terá sua primeira exibição em solo brasileiro e entra com força na briga pelo Redentor de Melhor Longa de Ficção da *Première Brasil*. E já conta com data de estreia no streaming: 20 de novembro na grade da Netflix.

Nascido num 22 de dezembro há 38 anos, o que o aproxima da influência astral do signo de Capricórnio, Gabriel Martins tem em seu (já bem respeitável) currículo o roteiro do sucesso de bilheteria “Alemão”, de 2014, a concepção de uma série baladada da TV a cabo (“O Natal dos Silva”) e o cult “Marte Um” (2022), que o levou a Sundance. Agora, na esteira do sucesso de “Vicentina Pede Desculpas” pelo mundo, seu trabalho criativo tem que se articular com sua participação em sessões lotadas de fãs curiosos por suas escolhas estéticas.

“Não acredito no cinema como uma experiência distante da vida”, disse o diretor ao *Correio da Manhã* em Donostia, antes de dar uma dimensionada na força da produtora que mantém nas Gerais com os amigos André Novais Oliveira, Maurílio Martins e Thiago Macêdo Correia: a Filmes de Plástico. “Os vazios que por vezes aparecem no meu cinema refletem o que penso sobre ausência, sobre silêncio”, explica.

Sua estrela-assinatura é Rejane Faria, que vive Vicentina, septuagenária assombrada pela chance de seu

filho ter causado o acidente em torno do qual o novo filme de Gabriel gira. “Estamos todos muito adoecidos neste tempo de julgamentos e o longa fala sobre como viver um luto que se torna público. Há uma busca por uma verdade, mas existem várias verdades”, disse o realizador no festival.

Ao *Correio*, Gabriel comentou a formação de seu elenco coadjuvante, que vai de Grace Passô a Thalma de Freitas, passando por Karine Teles e Carlos Francisco.

“Gosto de colocar na experiência de um filme pessoas que admiro, pois vira um mecanismo de afeto que me faz filmar melhor”, diz o cineasta, citando como exemplo a breve, mas tocante aparição do crítico e pesquisador Adilson Marcelino (responsável por um inventário sobre mulheres no cinema nacional) como ator. “Mesmo que fora do Brasil as pessoas não saibam quem ele é e sua importância, eu sei quem é o Adilson e conheço a sua força”.

Acerca da força das Gerais nas telas, Gabriel fala da construção populacional de um estado associado a uma ideia de interior do país. “Minas é um estado grande. Os vários rostos que aparecem no ônibus no início do filme contam a história de pessoas que se mudaram de cidades pequenas para uma região metropolitana como BH, onde parte do filme foi feito, sendo que eu venho de Contagem”, diz Gabriel. “Sendo ficção ou não, um filme é sempre o documentário de um tempo”. (R. F.)



O cineasta mineiro Gabriel Martins em sua passagem por San Sebastián



‘La Ilusión de un Verano sin Fin’ conquistou os Horizontes Latinos

RESULTADOS DA PREMIAÇÃO

- Concha de Ouro:** “Tender Loving Care”, de Mike Leigh
- Prêmio Especial do Júri:** “Border”, de Ah Biao
- Direção:** Amanda Kernell por “Brace Your Heart”
- Interpretação (protagonista):** Kate O’Flynn, por “Tender Loving Care” em empate com Asta Kamma August, por “Growth of the Soil”
- Interpretação (coadjuvante):** Javier Cámara, por “5 Minutos Más”
- Roteiro:** Mike Leigh, por “Tender Loving Care”
- Fotografia:** Oská Dahlsbakken, por “Growth Of The Soil”
- Prêmio Horizontes Latinos:** “La Ilusión De Un Verano Sin Fin”, de Alessandra Sanguinetti, com menção para “Moscas”
- Prêmio Cidade de Donostia de Júri Popular:** “A Bola Preta”, de Javier Ambrossi e Javier Calvo
- Prêmio Perlak:** “Naza”, de Rachel Szor e Yuval Abraham

ser apenas uma virtude para se tornar profissão — uma profissão exercida num sistema público britânico corroído pela falta de apoio institucional. Amy oferece escuta, paciência e presença a desconhecidos e depois regressa a uma vida na qual as mesmas competências começam a ser exigidas dentro de casa. Birdie (Marion Bailey) e Geoff (Paul Jesson), os seus pais idosos, entram numa nova etapa da existência, quando a independência deixa lentamente de ser uma certeza. A produção rendeu o prêmio de Melhor Atuação protagônica a O’Flynn.

Canteiro competitivo de San Sebastián devotado a nuestras/os hermanas/os, a mostra Horizontes Latinas deu seu prêmio anual para a Argentina, com foco na potência criativa da fotógrafa argentina Alessandra Sanguinetti, que faz sua estreia no cinema com “La ilusión de un verano sin fin”, documentário antes apresentado na seção Cineasti del Presente do Festival de Locarno, na Suíça, em agosto. Alessandra acompanha, ao longo de 25 anos, Guillermina e Belinda, duas meninas dos pampas que começaram a compartilhar fantasias e brincadei-

ras quando tinham apenas 9 anos. O projeto, iniciado em 1999, acompanha a passagem da infância para a adolescência e, depois, para o trabalho, a maternidade e caminhos cada vez mais distintos.

Terminada a festa de Donostia, o cinema se volta para o Festival do Rio 2026, que abre suas atividades nesta quinta, no Cine Odeon, com a projeção de “A Bola Preta”, um épico queer de Los Javis, apelido do duo espanhol Javier Calvo e Javier Ambrossi. Essa narrativa sobre a luta de diferentes homens gays contra a homofobia, da década de 1930 aos dias de hoje ganhou o troféu de Júri Popular de San Sebastián. O longa, com Penélope Cruz e Glenn Close, foi o título escolhido pela Espanha para representá-la na caça a uma vaga ao Oscar. Neste fim de semana, o público carioca vai conferir seu esplendor.

Também a partir desta quinta o RJ confere o .doc ganhador da mostra Perlak de San Sebastián: “Naza”, um soco no estômago.

Ganhadores do Oscar por “Sem Chão” (2024), Rachel Szor e Yuval Abraham uniram forças novamente para escancarar as dores da Palestina num longa, que assegurou à dupla o Prêmio Especial do Júri de Veneza, uma espécie de medalha de bronze. Filmado à noite, dos telhados de Tel Aviv, este documentário investigativo examina as vítimas civis das operações militares de Israel em Gaza e os sistemas por trás dos assassinatos seletivos de palestinos.

ENTREVISTA | PRISCILLA KELLEN

ANIMADORA

‘A metáfora do sonhar voar, com o querer ser livre, sempre me toca’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Depois de zanzar por alguns dos mais prestigiosos festivais do Brasil (como a Mostra de Tiradentes) e do mundo, incluindo a todo-poderosa Berlinale e o argentino BAFICI, “Papaya”, o poema animado da cineasta Priscilla Kellen, enfim encontra espaço em circuito exibidor nacional, cerca de um ano depois de sua jornada por maratonas cinéfilas. O filme, ultra colorido, acompanha uma pequena semente de mamão apaixonada pela ideia de voar, que precisa seguir em movimento para evitar criar raízes. Ao longo da jornada, porém, a semente descobre a força transformadora de suas raízes, capazes de conectar vidas por caminhos profundos e misteriosos e de provocar uma verdadeira revolução em seu mundo. em diálogos em seus 74 minutos de duração, a animação mistura formas bidimensionais, colagens e uma paleta visual inspirada em grafismos latino-americanos e nas obras “paper-cutout” do pintor francês Henri Matisse, estilo que, ao longo da produção, Priscilla passou a definir como “tropicalismo pós-apocalíptico”. No papo a seguir, Kellen explica sua verve existencialista e ecológica.

Seu filme é quase um curso de Arte para pequenos e um curso sem didatismos sobre ecologia para nós, marmanjos. De que forma as aprendizagens tantas que estão ali te tocaram, ou seja, de que forma “Papaya” reeducou teu olhar sobre natureza e sobre cor?

Priscilla Kellen - Eu sou graduada em Design Gráfico e fui parar nesse curso justamente porque, desde criança e adolescente, sempre gostei muito de desenhar e de me expressar artisticamente por meio das artes visuais. Eu já desenhava, pintava a óleo sobre tela e tinha essa vontade de explorar outras técnicas e possibilidades de expressão. Do outro lado, o contato com o verde e com a natureza, principalmente com a jardinagem e a horticultura caseira, também sempre fez parte da minha vida, muito por influência dos hábitos familiares e dos meus pais. Então são duas coisas que, de maneiras diferentes, sempre me acompanharam. Mas essa pergunta, na verdade, fez com que eu voltasse para uma sensação muito específica da minha infância, de quando eu estudava na Escola Quintal, onde fiz o maternal, dos cinco anos aos seis anos de idade. Era uma escola muito livre. Além das aulas de natação, o restante do tempo que passávamos, tanto na sala quanto no parquinho, normalmente estávamos descalços. E os conceitos que as professoras apresentavam para a gente vinham sempre de uma forma muito natural, sem separação entre as disciplinas.

Como era esse processo?

Os conceitos científicos, por

exemplo, apareciam junto com as práticas artísticas. Eu me lembro de fazer uma cola de farinha no fogão, com a professora explicando como preparava e como saber quando ela tinha chegado ao ponto. Depois, pegávamos a areia do próprio parquinho e colávamos em uma folha de papel sulfite para fazer uma espécie de lixa usando essa cola. Com a lixa, lixávamos pedaços de madeira e outras coisas. E, nessa mesma escola, havia uma tartaruga e um coelho. Cada criança tinha a responsabilidade de levar comida para o coelho em um determinado dia da semana. Então, com quatro ou cinco anos, você já tinha a responsabilidade de cuidar de um outro ser vivo, de cuidar da natureza que existia naquele espaço. E eu acho que isso ficou muito marcado em mim. Hoje, vendo o meu filho, fico pensando muito sobre como as crianças absorvem o mundo. Elas aprendem no sentido mais etimológico da palavra: apreendem, absorvem o aprendizado à medida que vivem, experimentam e observam outras pessoas fazendo as coisas. Talvez essa seja uma das formas mais orgânicas e naturais de aprender: não necessariamente alguém parar diante de você e dizer “agora você vai aprender isso”, mas você estar inserido em um ambiente em que o conhecimento acontece, em que as coisas se misturam e fazem sentido a partir da experiência.

E como essa vivência te marcou?

Acho que essa experiência da infância acabou deixando em mim uma compreensão muito profunda de que aprender pode ser justamente isso: colocar o corpo no mundo, experimentar, observar, cuidar, fazer



Divulgação

com as próprias mãos e, a partir dessas experiências, construir conhecimento. E, em termos práticos, isso aconteceu no processo de desenvolvimento visual do “Papaya”, onde precisei aproximar meu olhar ao de um ser minúsculo num ambiente geometrizado, quase abstrato.

No percurso que já fez, em especial na Berlinale, como se deu a (re)educação de sua visão sobre a recepção do público? Que retorno mais tocante teve das crianças?

Tem me tocado muito que, em quase todas as sessões, eu olho para a plateia e vejo que, entre as crianças pequenas, de sete, oito anos, sempre tem alguma fazendo um movimento com os braços, como se fossem

asas. E eu fico com a sensação de que talvez esse sonho da Papaya não seja tão aleatório, né? Essa metáfora do sonhar voar, com o querer ser livre, sempre me toca muito. Mas os adolescentes também me emocionado muito, principalmente pelas perguntas que eles fazem sobre transformação. No filme, a gente tem algumas coisas que são mais científicas, mas elas estão o tempo todo misturadas com a fantasia. E eu acho tão bonito porque a gente tem o hábito de olhar para os adolescentes, principalmente ali entre os 12, 13, 14, 15 anos, como se eles já fossem muito crescidos. A gente começa a tratá-los quase como adultos. E, na verdade, eu acho que eles continuam precisando, talvez mais do que a gente imagina, de inspira-

ção para a fantasia, para a imaginação, para as possibilidades que eles podem enxergar nas próprias vidas.

Que novas Papayas ou que novos filmes você desenvolve agora?

Tenho alguns projetos em estágios embrionários de desenvolvimento. Uma das ideias é um “animadoc” mais voltado para o público adulto. Outra é uma série bem infantil, para bebês. E tem também uma outra ideia de longa para a mesma faixa etária da “Papaya”. Enquanto essas ideias germinam, sinto que preciso desse respiro para criar sem tanta pressão, tenho preferido colaborar em projetos de terceiros em etapas mais avançadas de pré-produção.

CRÍTICA FILME | CORAÇÃO SELVAGEM

POR RODRIGO FONSECA - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Estruturado numa toada que as narrativas de alta voltagem da contemporaneidade não sabem decantar, pavimentado sob um contexto individual de dor ligado ao inferno da guerra, “Heart of The Beast” (mal traduzido no Brasil com o mesmo título do longa-metragem pelo qual David Lynch ganhou a Palma de Ouro) pertence a uma linhagem narrativa conectada à literatura de sobrevivência de origem anglo-saxônica.

Esse espetáculo florestal contagiante está mais para a prosa de Jack London (1876-1916) e seus “Caninos Brancos” (1906) do que para Rin Tin Tin. Há nele um cão, Uber (batizado na tela de Odin), e o animal carrega um (co)protagonismo elegante, no que diz respeito a um enredo sobre reencaixe de seres abalados na Natureza.

Contudo, o esplendor de vetores dramatúrgicos que vincula um filme tão lúdico a um pretérito - literário - mais que perfeito é o soldado fraturado encarnado por um Brad Pitt que lembra o Robert Redford de “Jeremiah Johnson” (chamado “Mais Forte Que a Vingança” em telas nacionais).

Quem oferece eixo ao astro, nesse projeto rodado na Nova Zelândia, é um artesão da ação gore (thrillers de pancadaria sangue-e-tripas), David Ayer, que, projeto após projeto, sobretudo depois de “Becker” (2024), firma-se

como um dos mais criativos realizadores da zona B de Hollywood. Agora, passa ao lado A, onde esteve há uma década, com “Esquadrão Suicida” (2016). A escalção de Ayer para a seleção oficial de San Sebastián, numa vaga fora concurso do festival, assegura sua consagração autoral.



Penélope Cruz pode entrar na mira do Oscar com sua dionisíaca atuação em ‘A Bola Preta’, já, já no Odeon

Ayer é uma figura controversa no Olimpo hollywoodiano. Depois de uma firme colaboração com Keanu Reeves no hoje esquecido “Os Reis da Rua” (2008),

ele despontou como promessa em “End of Watch” (“Marcados Para Morrer”, de 2012, no qual retratava a ronda de dois policiais (Jake Gyllenhaal e Michael Peña) sob ângulos inusitados. Repetiu o feito com Schwarzenegger em “Sabotagem” (2014). Não só ele vinha com propostas de en-

quadramento incomuns, como torcia os limites de “caráter” de seus protagonistas, transpondo o limite do bom-mocismo. Fez o mesmo em “Corações de Ferro” (também de 2014), ao levar Brad Pitt, de tanque, até a II Guerra, chegando ao apogeu de seu escárnio com a ética do Bem no seu já citado “Suicide Squad”, a maior bilheteria de 2016. Foi trucidado pela crítica (e pela correção política) em parte por não ter podido levar aos fãs do quadrinho homônimo da DC seu corte final. Acabou caindo em desgraça por isso.

Dali em diante, abraçado a seu rancor, passou a fazer um cinema ainda mais livre, vide o ótimo “O Cobrador de Impostos” (2020). Agora, em “Coração Selvagem”, apoiado na sabedoria para o trato da luz do fotógrafo Mauro Fiore (“Dia de Treinamento”), ele volta maduro, mais atento às cicatrizes que colecionamos pelo caminho (e ainda doem) do que a derramamentos de sangue. Pitt, no apogeu de seu ferramental dramático, a reviver um desenho arquetípico com que lidou em “Sete Anos No Tibet” (1997), investiga as zonas cinzentas de seu personagem. Vive um sargento que lutou em muito front ao lado do cão Odin, e aposentou a farda ao ver o animal se encher de machucados, em nome das Forças Armadas dos EUA. A paz que busca no mato vira perigo. O perigo, na mão de Ayer, vira educação sentimental. San Sebastián ovacionou a fita.

CRÍTICA FILME | A BOLA PRETA

POR RODRIGO FONSECA - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Desejo em proporções épicas

Longa de abertura do Festival do Rio, no próximo dia 1º de outubro, no Cine Odeon, “A Bola Preta” (“La Bola Negra”) chega ao Brasil embalado por uma trajetória de consagrações que passa pelo prêmio de Melhor Direção - para Javier Calvo e Javier Ambrossi - em Cannes e pelo People’s Choice Award, conquistado há duas semanas no último domingo no Festival de Toronto.

Escolhido pela Espanha para

representá-la na corrida pelo Oscar de Melhor Filme Internacional, o inquieto longa-metragem é inspirado no universo poético e teatral de Federico García Lorca (1898-1936) e mobiliza San Sebastián nesta semana, por meio do legado dele, com sua presença espalhada por diferentes pontos da cidade basca, antes da estreia no circuito espanhol, marcada para sexta-feira.

Por trás da exuberância visual



Penélope Cruz pode entrar na mira do Oscar com sua dionisíaca atuação em ‘A Bola Preta’, já, já no Odeon

e melodramática dos Javis (apelido de seus dois realizadores), há uma montagem avessa à causalidades, sempre caudalosa, assinada

por Alberto Gutiérrez, responsável por costurar diferentes tempos históricos e transformar mais de duas horas e meia de projeção num fluxo de desejos, repressões e memórias. Penélope Cruz é um dos grandes trunfos do conjunto, numa atuação de enorme temperatura emocional, enquanto Glenn Close precisa de poucos minutos para deixar uma presença indelével. Uma é a estrela de um cabaré que delicia combatentes com um estilo Anjo Azul, à moda Marlene Dietrich. Close vive uma pesquisadora literária.

Barroco, sentimental e assumidamente excessivo, “A Bola Preta” encontra justamente na edição nevrálgica o equilíbrio necessário para fazer de sua ambição estética uma experiência de cinema popular, político e pulsante. (R. F.)

Guitarras sofisticadas numa conversa sem palavras

Uma conversa pode prescindir de palavras. Pode? Pode sim! Principalmente se este papo envolver dois talentosos instrumentistas como Nelson Faria e Sandro Haick, dois dos mais respeitados guitarristas brasileiros da atualidade. Reunidos em Bari (Itália), eles gravaram tanta coisa juntos que ficou até difícil descartar material. O resultado chama-se “Talking Standards” (Bobo Records), álbum duplo. O primeiro volume traz recriações de temas estrangeiros; o segundo, releituras de composições brasileiras.

Produzido pelo também guitarrista Antonello Boezio, o disco reúne 14 faixas, sete por volume. O primeiro reúne temas imortalizados por lendas do jazz e da composição para o cinema — Thelonious Monk em “Round Midnight”, Sonny Rollins em “Tenor Madness” e “Blue in Green”, assinada por Miles Davis e Bill Evans. O volume brasileiro honra Milton Nascimento (“Tarde”, com Marcio Borges) e três mestres com dois temas cada: Tom Jobim (“Desafinado” e “Insensatez”), Dominginhos (“Princesinha no Choro” e “De volta pro Aconchego”, esta com Nando Cordel) e João Bosco (“Incompatibilidade de gênios”, com Aldir Blanc, e “Papel Machê”, com Capinam). A sensibilidade do encontro dessas guitarras é de encantar os ouvidos mais exigentes.

A admiração entre os dois é antiga, mas eles só haviam tocado juntos uma vez, em 2019, quando Haick compareceu a “Um café lá em casa”, série que Nelson apresenta na web — e como baixista. Foi preciso uma guitarra para reaproximá-los. Em 2025, a Tagima lançou a Nelson



Nelson Faria e Sandro Haick exibem tanta sintonia no trabalho em dupla que os próprios músicos revelam dificuldade em identificar seus fraseados nas faixas dos dois volumes

Nelson Faria e Sandro Haick



Nelson Faria e Sandro Haick lançam álbum duplo que recria Miles, Monk, Jobim e Dominginhos



Faria Signature Jazzy 1, apresentada no Tagima Dream Team com show de Faria. Na banda, de novo, Haick. No mesmo ano, a fabricante batizou a Tagima Haick-1. Com o elo em comum, veio a ideia de fazerem algo com os instrumentos que os celebraram. Por que não um álbum?

Mas por que na Itália? Haick e Faria são também professores, e suas aulas remotas atraem músicos do mundo inteiro. Em 2016, um guitarrista italiano chamado Antonello Boezio inscreveu-se no curso de Haick. Mestre e aluno viraram amigos, e Antonello produz o projeto e ofereceu o MAST, seu estúdio-escola referência em Bari, na Puglia, para onde os brasileiros rumaram.

Da lista original de 40 temas, a seleção final de 14 foi fechada no aeroporto de São Paulo. Gravados em dois dias e meio, os arranjos foram definidos no estúdio, e a grande maioria das faixas saiu num único take. “O disco foi todo gravado num clima muito descontraído, improvisado, numa dinâmica como o jazz pede. Tudo aconteceu de forma muito espontânea. Acho que este trabalho é o que toco mais à vontade em relação aos meus discos todos”, pontua Nelson. Da alegria pelo encontro, ele não esquivava: “A fluência e a informação que o Sandro tem criam um ambiente em que você pode dar o seu melhor”.

E a convivência em estúdio confirmou algo que ambos já suspeitavam — ouviram os mesmos discos na juventude e foram influenciados pelas mesmas escolas musicais. “Ao ouvirmos as faixas, chegamos a nos perguntar: essa levada foi minha ou sua? E isso só demonstra que estávamos a serviço daquela iniciativa”, explica. “O resultado dessa união foi forte e ela acontece em prol da música”, arremata.

CRÍTICA DISCO | TORÓ

AQUILES RIQUE REIS* - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Hoje trataremos de “Toró” (selo Risco), álbum e filme de Vitor Araújo e da Metropole Orkest, trabalho que consagra Araújo e integra a música instrumental brasileira ao circuito mundial. O audiovisual, gravado ao vivo em Amsterdã, marca a sua estreia como solista de uma grande orquestra sinfônica internacional.

Pernambucano do Recife, Araújo eleva e revela a potência da criação nordestina, feita de mangue e caranguejo, folguedos e tradições milenares, ritmos múltiplos e plenos de brasilidade. É a cultura nordestina libertária, mais uma vez, rompendo fronteiras.

Como solista e compositor, Araújo passa a também integrar o pequeno grupo de artistas brasileiros que já colaboraram com a Metropole Orkest, Edu Lobo e Ivan Lins. Novamente, Nordeste e Eu-

A música não morrerá nunca!

ropa se juntam para criar a sempre buscada “música universal”. O mundo aplaude!

Os músicos que integram a banda de Vitor Araújo, valendo-se de elementos eletrônicos e experimentações, agregam vigor à música europeia, trazendo à tona um delírio tão popular quanto o charme da junção, superando as expectativas do ouvinte.

Divididos em “toques”, convidando-os a ouvir alguns, seguindo os comentários que transcrevi do encarte — eles ilustrarão a audição do álbum quer pode ser ouvido na íntegra em <https://11nq.com/jri7n5p>.

Toque nº1 - “A abertura do concerto se dá através de uma das



‘macumbas orquestrais’ do repertório, peça maximalista com forte inspiração nos trabalhos instrumentais de Villa-Lobos, Moacir Santos e Antônio Carlos Jobim, onde melodias e harmonias com característica de cantiga brasileira vão se avolumando numa espiral crescente entre

orquestra, piano e percussões”.

Toque nº2 - “Talvez a mais experimental das músicas de ‘Toró’, onde um rádio de pilha sintonizado ao vivo é o instrumento solista à frente da orquestra sinfônica. A faixa, construída com técnica minimalista, traz uma homenagem às peças para rádio do vanguardista John Cage e também uma memória da já clássica performance ao vivo do Radiohead tocando ‘National Anthem’.”

Toque nº3 - “Faixa inspirada nas agremiações de afoxé que saem às ruas no carnaval de Recife e Olinda. Um confronto entre os frenéticos elementos cíclicos e percussivos em 140bpm e a melancolia espacial da voz e das

cordas da orquestra, com ambos elementos pairando etéreos sobre a acelerada sessão rítmica”.

Juntos, Vitor Araújo e Metropole Orkest constroem e articulam a pulsação rítmica nordestina que, somada à erudição europeia, realça a soma das potências.

Enfim, quando os humanos acabarem de destruir a Terra, restará a música que nos redimirá.

Ficha técnica

Regência Metropole Orkest: Jacomo Bairos — quatro primeiros violinos, quatro segundos violinos, três violas, dois cellos e um contrabaixo. Banda de Vitor Araújo — Mauro Refosco: percussão; Aduni: ogã; Amendoim: percussão; Charles Tixier: bateria, synth, MPC e samples; Felipe Pacheco Ventura: guitarra.

*Vocalista do MPB4 e escritor



Manacá Tropical

Bonitos de se ver, melhores para beber (sem riscos)

Farinha Pura Experiência recebe a primavera com novidades em drinks sem álcool na carta

AFFONSO NUNES

A primavera chegou ao Empório Farinha Pura em forma de drinks refrescantes, saborosos, esteticamente coloridos e totalmente livres de álcool. A nova carta de bebidas do empório localizado dentro da Cobal do Humaitá reúne criações que misturam frutas, ervas, cítricos e até mesmo café.

Este último é justamente a base do nada convencional, saboroso e geladíssimo Dália Solar (R\$ 22,90), que junta o aroma do café espresso e o cítrico do suco de laranja. No Manacá Tropical (R\$ 24,90), o drink é feito com a junção da manga, do limão, da Schweppes Citrus e finalizado com espuma de gengibre.

Para os que preferem se aventurar em sabores frutados, o Gér-



Verbena



Laranja & Morango



Flamboyant



Magnólia



Gérbera

bera (R\$ 22,90) leva morango macerado, H2O e grenadine, enquanto o Flamboyant (R\$ 22,90) combina laranja, limão, água com gás e grenadine.

A carta também traz o Verbena (R\$ 22,90), de limão, hortelã, H2O e xarope de açúcar, o Laranja & Morango (R\$ 22,90), com as duas frutas batidas, e o Magnólia (R\$ 24,90), que mistura café espresso, grenadine e mel.

Os novos drinks estão disponíveis no Farinha Pura Experiência, espaço gastronômico do empório no segundo piso da loja.

SERVIÇO
FARINA PURA EXPERIÊNCIA
Rua Voluntários da Pátria, 446, loja 1 - Cobal do Humaitá - Botafogo
Segunda a sábado (7h às 22h) e domingos e feriados (7h às 21h)

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR NATASHA SOBRINHO



Vitor Reis/Divulgação

Vem aí o Lumio

Com abertura prevista para novembro, o Lumio será o novo restaurante do chef Nello Casese no edifício Piscina do Copacabana Palace, A Belmond Hotel. A casa nasce dos dez anos do chef italiano no Brasil, unindo referências do Sul da Itália, ingredientes brasileiros e uma proposta contemporânea de menu degustação. Serão apenas 38 convidados por noite, em uma experiência intimista ao redor da piscina. O restaurante terá três opções de harmonização, além de adega com mais de 400 rótulos.



Tomás Rangel/Divulgação

Verso, prosa e café

O Verso Café acaba de abrir as portas na Livraria da Travessa, na Barra da Tijuca, unindo livros, gastronomia, vinhos e cafés especiais, na área de convivência da livraria. O menu oferece gastronomia brasileira e mediterrânea com uma seleção de receitas clássicas dos países que costeiam o mar pinceladas com insumos nacionais. Há entradinhas como as Almofadinhas de Canastra, feitas com queijo artesanal e pães de queijo na chapa. O lançamento é uma empreitada dos sócios Erik Nako, André Korenblum, Cristiano Lanna e Luiz "Petit".



Rodrigo Azevedo/Divulgação

Noite italiana

A Estação Sabores do Zona Sul Ipanema promove nesta quarta (30), às 19h, uma aula especial dedicada à gastronomia italiana. Com o tema "Sabores da Itália em três tempos", a experiência recebe os chefs convidados Thiago Gonçalves e o confeitiro Bruno Ricardo, do restaurante Posi Cucina e Terrazza, que vão compartilhar seus conhecimentos e apresentar três preparos: arancini cacio e pepe, rigatoni alla vodka com polvo e o clássico tiramisù. Para completar, o especialista em vinhos Claudio Pinto conduz harmonização especial.

SEGUNDA NO 2

por
**FERNANDO
MOLICA**

A maldade bem-humorada de Zuenir

As muitas homenagens ao jornalista e escritor Zuenir Ventura, que morreu semana passada, são mais do que merecidas. Mas a tristeza relacionada à morte de uma pessoa tão querida e admirada acabou deixando meio de lado outra característica fundamental do colega, seu extremo bom humor.

Em 1993, o Jornal do Brasil mandou dois repórteres — Zuenir e Jorge Antônio Barros — para cobrir a primeira Caravana da Cidadania promovida por Lula, derrotado quatro anos antes na disputa pela Presidência da República.

A viagem de ônibus buscava reconstituir o trajeto que o menino Luiz, os irmãos e a mãe haviam feito décadas antes, entre Pernambuco e São Paulo. A peregrinação era apresentada como uma redescoberta do Brasil e procurava lançar as bases para a nova candidatura do petista ao Planalto, no ano seguinte.

Os organizadores da jornada determinaram que haveria dois ônibus: um para Lula e seus assessores e correligionários, outro para repórteres, que viajavam às custas das empresas em que trabalhavam.

Passados alguns dias de viagem, quando a comitiva estava em território baiano, o então senador Eduardo Suplicy (PT-SP) conseguiu se enfiar no ônibus dos jornalistas e, de microfone em punho, tratou de, por mais de duas horas, detalhar — de seu jeito, tim-tim por tim-tim — seu programa de renda mínima.

Suplicy, já então conhecido por sua insistência e por sua capacidade de falar horas a fio sobre o tema, conseguiu assim um feito inédito: garantir os ouvidos de dezenas de jornalistas para o plano que se transformara em sua obsessão e que, justiça lhe seja feita, serviria de uma das fontes de inspiração para o Bolsa Família. Na parada seguinte,



Tamiris Barcellos/Viva Rio

Jornalista e escritor, membro da Academia Brasileira de Letras, Zuenir morreu no dia 22

Elegante na vida e nos textos, Zuenir Ventura nunca deixou de ser repórter, exerceu a função com um olhar carinhoso, solidário e arguto

para alívio dos repórteres, o senador voltou para seu ônibus.

No início da noite, a caravana chegou a Cachoeira, belíssima cidade do Recôncavo banhada pelo Rio Paraguaçu. Depois do jantar, num hotel que ocupava um antigo convento, os mais do que esgotados jornalistas e inte-

grantes da comitiva foram tomar uma cerveja às margens do rio, conversar, jogar conversa fora.

E foi lá que, com aquele jeitão de mineiro convertido em parte ao carioquismo, de avô do Menino Maluquinho de seu conterrâneo Ziraldo, que Zuenir cometeu um dos seus maiores e mais divertidos pecados. Foi até Suplicy, apontou para Barros, seu colega de redação, e, como a cara mais inocente do mundo fez um pedido ao parlamentar:

— Senador, o Jorginho, meu colega, aquele jovem jornalista ali, não entendeu alguns pontos de seu plano de renda mínima. O senhor se importaria de conversar rapidamente com ele, tirar suas dúvidas?

Suplicy aceitou com um largo sorriso e caminhou na direção do apavorado repórter, que não teve como escapar da armadilha

preparada por Zuenir. Este, por sua vez, não parava de rir; com ar de quem fizera uma travessura — meninas e meninos, eu vi.

Elegante na vida e nos textos, Zuenir nunca deixou de ser repórter, exerceu a função com um olhar carinhoso, solidário e arguto. Naquela mesma viagem, deixou uns dias a caravana de lado para fazer matéria em Monte Santo, antigo centro de peregrinação e cenário de “Deus e o diabo na terra do sol”, de Glauber Rocha.

Seus livros ressaltam um jeito original de ver o mundo: transformou o ano de 1968 em personagem, diagnosticou a profunda divisão do Rio, contou da Amazônia de Chico Mendes; evidenciou, como jornalista, que suas histórias eram as dos outros. Todos os livros dariam ótimos enredos.